

A precarização do trabalho de estudantes universitários: uma revisão sistemática integrativa

Iris Carmen Pinheiro Rodrigues¹
Aline da Cunha Miranda²
Caio Correia dos Santos Quina³
Mônica Carvalho Alves Cappelle⁴
Patrícia Aparecida Ferreira⁵

Resumo: o objetivo da presente pesquisa foi discutir as abordagens teóricas e conceituais, bem como as oportunidades de pesquisa referentes à precarização do trabalho dos estudantes universitários. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática integrativa nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*. Revisões sistemáticas integrativas da literatura são capazes de representar a síntese do que é apresentado na literatura sobre determinado tema e, além disso, permitem o surgimento de novos *insights* sobre o assunto através da integração e/ou crítica da literatura. Os estudos sobre a precarização do trabalho dos estudantes trabalhadores mostraram que as mulheres e não brancos têm mais probabilidade de trabalhar enquanto estudam. Além disso, existe uma espécie de penalidade para os trabalhadores que são estudantes na comparação com os não estudantes, uma vez que os primeiros recebem menor remuneração. Dentre as ocupações mais exercidas por esses estudantes, pode-se citar trabalhos de garçom, garçonete, demais trabalhos em cafés, restaurantes, caixas de supermercados, *call center* e em estabelecimentos de *fast food*. Por fim, as discussões apresentadas nos trabalhos escolhidos como referência mostraram que as principais motivações para o trabalho durante a graduação referem-se à necessidade de obter rendimentos capazes de garantir a permanência no curso.

Palavras-Chave: precarização do trabalho; estudantes universitários; revisão sistemática.

¹ Doutoranda no PPGA da UFLA. E-mail: iriss_rodrigues@hotmail.com.

² Mestranda no PPGA da UFLA. E-mail: aline.miranda3@estudante.ufla.br.

³ Mestrando no PPGA da UFLA. E-mail: caio.quina@estudante.ufla.br.

⁴ Professora no PPGA da UFLA. E-mail: edmo@ufla.br.

⁵ Professora no DAE da UFLA. E-mail: paf@ufla.br.

1. Introdução

Em 2023, cerca de 6,9 milhões de jovens brasileiros entre 18 e 29 anos cursavam o ensino superior, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC-Educação) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desses estudantes, cerca de 66,4% (representando 4,2 milhões de jovens), estavam trabalhando e estudando ao mesmo tempo, enquanto os 33,6% restantes se dedicavam exclusivamente aos estudos.

Esse cenário demonstra a inserção de universitários no mercado de trabalho. Oliveira e Matos (2025) explicam que tal condição tem se intensificado, e que muitas vezes esses estudantes estão alocados em ocupações de trabalho com condições precárias, com vínculos instáveis e salários baixos. Isso reflete as mudanças no mundo do trabalho e a pressão econômica sobre os jovens, que precisam trabalhar para custear a sua permanência na graduação (Rydzik; Bal, 2024).

Além disso, ressalta-se que a ocupação não está alinhada à área de estudo, sendo mais uma forma de conseguir recursos financeiros do que de realização profissional (Oliveira; Matos, 2025). Entender como a precarização do trabalho afeta os estudantes universitários, torna-se fundamental uma vez que pode impactar no processo de qualidade da formação, o bem-estar e as perspectivas futuras desses jovens.

Diante disso, o objetivo da presente pesquisa é discutir a precarização do trabalho dos estudantes universitários por meio de uma revisão sistemática integrativa a partir da análise de artigos disponibilizados nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*. Logo, busca-se apresentar a perspectiva teórica dos trabalhos, uma síntese sobre os principais resultados encontrados, bem como a formulação de uma agenda de estudos futuros.

Com o intuito de facilitar a compreensão do texto, ele foi dividido em cinco seções, incluindo a presente introdução. A próxima seção apresenta a fundamentação teórica que embasa a pesquisa. Em seguida, a terceira seção trata dos procedimentos metodológicos. Já a quarta seção representa a revisão sistemática integrativa da literatura, isto é, onde são discutidas as informações e relações encontradas nos textos utilizados como referência para a discussão. Por fim, a quinta e última seção trata das considerações finais, em que são apresentadas as contribuições e limitações da pesquisa, bem como sugestões para estudos futuros.

2. Fundamentação teórica

2.1. Estudantes universitários e a precarização do trabalho

As transformações sociais trazem mudanças para os modelos e formas de trabalho estabelecidos e nas relações destas decorrentes. Para Antunes (2009, 2018), consideráveis transformações foram presenciadas nas últimas décadas no mundo do trabalho, impulsionadas pelo neoliberalismo, acumulação flexível e a reestruturação produtiva. O resultado dessa relação fez surgir o fenômeno histórico da precarização do trabalho, entendido como complexo, multidimensional e estrutural (Dias; Silva, 2024). Sendo assim, as transformações que operam no mundo social são resultados de processos mais amplos na forma de se produzir e

consequentemente de se consumir e acumular o excedente da força de trabalho e dos meios de produção.

Com isso, a precarização do trabalho é um conceito que ganha força no mundo globalizado, principalmente a partir da década de 1970 em função da ideia de flexibilidade e liberdade repercutidas e alimentadas pelo neoliberalismo (Antunes, 2018). Assim, o neoliberalismo se mantém sob a hegemonia do acúmulo de capital financeiro que tem na incorporação da flexibilidade e da liberdade como propostas de geração de posições de trabalho mais atrativos nos meios de produção vigentes, o que acaba gerando uma reestruturação produtiva (Antunes, 2018; Melges *et al.*, 2022). Essa reestruturação leva a divisão de classes de trabalhadores e, portanto, a um aumento da informalidade, terceirização, flexibilização e deterioramento de legislações trabalhistas (Antunes, 2018).

De acordo com Dias e Silva (2024), a precarização do trabalho é um fenômeno histórico e interpretado por diferentes autores interessados em compreender as relações que acontecem no mundo do trabalho impulsionadas por transformações sociais e laborais. Por isso, as autoras consideram a precarização como um fenômeno sistêmico e estruturado pelo capitalismo que de tempos em tempos se altera e se adequa aos contextos sociais mantendo o seu objetivo principal: o acúmulo do capital e do excedente.

Somado a isso, no cenário contemporâneo, marcado pela introdução de novas tecnologias, estas ao invés de maximizarem a condição social e econômica do trabalhador, operam a favor da acumulação do capital, deixando parte da classe excluída ou refém de seus ferramentais que acabam sendo uma fonte de apropriação da força de trabalho (Reis, 2022). A introdução das tecnologias originou outras modalidades de trabalho que foram sedimentadas na ideia de flexibilidade revelando novas maneiras de precarização (Antunes, 2018). É nesse cenário que os discursos sobre empreendedorismo e meritocracia são reforçados e nutridos a fim de reforçar o individualismo e garantir uma sensação de liberdade sobre as escolhas individuais de inserção no mundo do trabalho (Araújo; Moraes, 2017). Tais discursos afetam diferentes grupos e de maneiras distintas, dentre esses grupos, encontram-se os estudantes ou jovens trabalhadores, que ao atingirem idade para o ingresso no mercado de trabalho, acabam engrossando as fileiras do desemprego ou do trabalho precário e informal (Antunes, 2009, Reis, 2022).

Desse modo, a flexibilização do trabalho, presente nas ofertas contemporâneas de emprego, contribui para a redução de oportunidades de contratos permanentes e faz com que parte da força de trabalho, como o grupo de jovens estudantes, acabe migrando para o mercado informal, impulsionada por necessidades financeiras urgentes (Araújo; Moraes, 2017). Nessa conjuntura, a busca por conciliar trabalho e estudos surge principalmente da necessidade de obter recursos para garantir a continuidade acadêmica e mitigar a escassez de recursos financeiros por estudantes provenientes das camadas populares (Oliveira; Matos, 2025). Por consequência, a entrada no mercado de trabalho nem sempre será alinhada à formação desses estudantes, limitando-os a oportunidades muitas vezes precarizadas e distantes de suas áreas de formação.

A partir disso, revela-se a precarização do trabalho entre o grupo juvenil como um fenômeno complexo que atinge tanto jovens de baixa qualificação quanto aqueles com formação elevada, como a pós-graduação (Antunes, 2018). Essa foi revelada por Feijó e Peruchetti (2025), que, ao compararem diferentes grupos etários, identificaram que os

principais setores empregadores de jovens (18 a 29 anos) são justamente aqueles que oferecem condições mais precárias, com contratos temporários, jornadas instáveis e baixos salários. Assim, para Araújo e Moraes (2017), a flexibilização anda lado a lado com a precarização, visto que as formas flexíveis de emprego costumam ser instáveis e mal remuneradas.

Diante desse cenário ainda se acrescenta a existência de desafios ligados ao perfil sociodemográfico desses estudantes, marcados pelas desigualdades étnico-raciais, de gênero e por diferenças de classes (Abramo, Venturi, Corrochano, 2020). Ao considerar esses fatores, existem evidências que, em determinados contextos, tais estudantes serão remunerados desigualmente, assim como enfrentarão jornadas desiguais por conta de seus marcadores sociais (Zhong et al., 2025). Para os autores, existem diferenças e desafios nos diferentes perfis de estudantes trabalhadores, o que torna fundamental compreender as implicações das experiências desse grupo com o trabalho e como as implicações possuem consequências nas trajetórias acadêmicas e profissionais.

De acordo com Araújo e Moraes (2017, p. 11) “as situações precarizadas de emprego têm consequências individuais e sociais múltiplas, não somente ao nível do consumo e da qualidade de vida, mas também das perspectivas de vida futuras”. Tal questão fica evidente quando Oliveira e Matos (2025) revelam que a jornada de trabalho realizada por estudantes trabalhadores interfere diretamente na qualidade do desempenho acadêmico e no tempo de dedicação dos estudos, o que pode levar os estudantes a não concluírem seu curso. Concomitantemente, ao articular trabalho e estudos, muitos estudantes enfrentam desafios ligados à permanência simbólica nos espaços universitários, considerando que nem sempre terão tempo para participar de atividades extraclasse ligadas à sua formação (Pereira; Coutrim, 2020).

Por isso, é relevante investigar quais os desafios emergem na jornada de estudantes trabalhadores, a fim de identificar a influência das mudanças contemporâneas no que diz respeito às formas flexíveis de trabalho. A seguir demonstra-se, com base em uma revisão na literatura científica, alguns caminhos para fomentar tal discussão.

3. Método de pesquisa

A presente pesquisa consiste em uma revisão sistemática integrativa da literatura, realizada a partir da busca de artigos nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*.

Revisões sistemáticas integrativas da literatura são capazes de representar a síntese do que é apresentado na literatura sobre determinado tema e, além disso, permitem o surgimento de novos *insights* sobre o assunto através da integração e/ou crítica da literatura (Elsbach; Knippenberg, 2020). Soma-se a isso, o fato de que essas revisões identificam o conhecimento mais avançado em determinado campo, ligam a teoria à prática, determinam o estado da arte de um tema, bem como quais são suas lacunas e, portanto, quais são os aspectos que necessitam ser melhor explorados (Torraco, 2016; Leite, Padilha; Cecatti, 2019).

Botelho, Cunha e Macedo (2011) discutem o método da revisão integrativa que, segundo os autores, é marcado por cinco etapas, como pode ser observado na Figura 1:

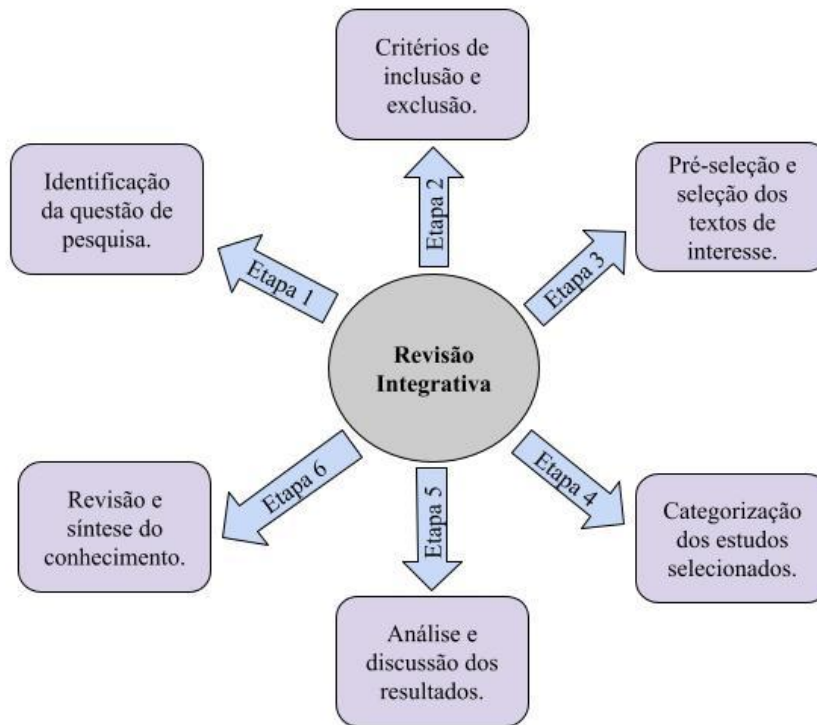


Figura 1: Etapas da revisão integrativa

Fonte: elaboração própria. Fonte dos dados: adaptado de Botelho et al. (2011).

Com base nas etapas apresentadas por Botelho et al. (2011), pode-se dizer que as três primeiras referem-se aos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, enquanto as três últimas referem-se à revisão propriamente dita. Dessa forma, a Figura 2 apresenta a metodologia adotada na presente pesquisa, representada pelas três primeiras etapas apresentadas por Botelho et al. (2011), ressaltando as palavras-chave utilizadas e quais foram os critérios de inclusão e exclusão que resultaram no quantitativo de artigos utilizados como referência.

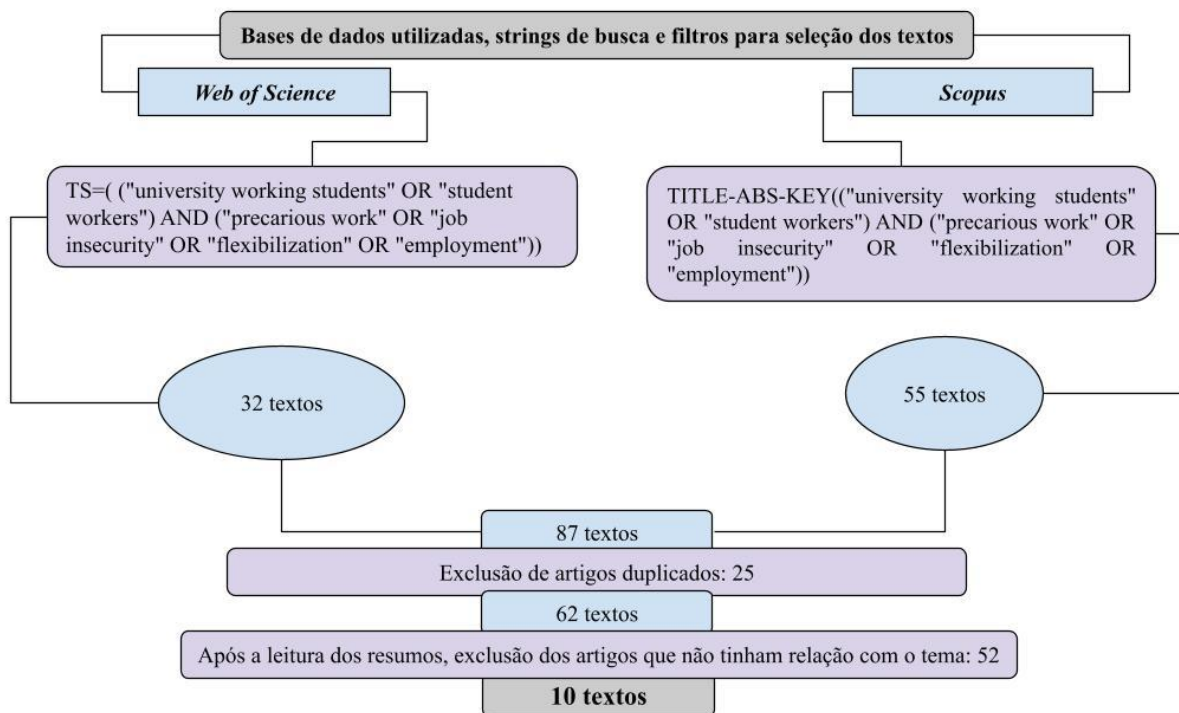


Figura 2: Descrição das etapas de busca e seleção dos artigos
 Fonte: elaboração própria.

A partir de uma pesquisa realizada na *Web of Science* e *Scopus*, foram encontrados 32 textos na *Web of Science* e 55 textos na *Scopus*. As bases de dados escolhidas para a busca dos artigos foram a *Web of Science* e *Scopus* porque elas são bases de dados reconhecidas e fazem parte dos bancos de dados bibliográficos considerados mais importantes atualmente. A *Web of Science* é uma base multidisciplinar da Thomson Reuters em que existem mais de 12.700 periódicos indexados, em diferentes áreas científicas, cuja atualização é semanal e que possui informações desde o início do século XX. Já a *Scopus* possui uma cobertura detalhada desde o ano de 1966 até os dias atuais, permite a busca por autor e assunto e demais conteúdos da Elsevier estão sendo incluídos na *Scopus*, a fim de ampliar sua base e cobertura (Mariano; Santos, 2017).

Dessa forma, a partir da pesquisa, o quantitativo total de textos foi de 87. Em seguida, os textos foram exportados para o gerenciador de bibliografias *Zotero* a fim de verificar os textos duplicados, o que culminou na exclusão de mais 25 textos.

Em seguida, a partir da leitura dos títulos e resumos dos 62 textos restantes, foram delimitados os critérios de inclusão e exclusão. Dessa forma, todos os artigos que não tratavam da temática foram excluídos, o que resultou na escolha de 10 textos para compor a revisão sistemática integrativa da literatura. No que se refere ao ano de publicação, não houve qualquer delimitação e todos os artigos foram selecionados, independentemente do ano em que foram publicados.

Os critérios de inclusão e exclusão podem ser melhor observados a seguir:

- Critérios de inclusão:
 - a) Artigos científicos e artigos de revisão publicados nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*;
 - b) Artigos científicos que tenham como tema a discussão sobre a precarização do trabalho de estudantes-trabalhadores;
 - c) Todos os anos foram considerados.
- Critérios de exclusão:
 - a) Textos duplicados;
 - b) Textos que não eram artigos científicos ou artigos de revisão;
 - c) Textos que não tratavam da temática de interesse.

Portanto, a busca inicial resultou em 87 textos e, com a adoção dos critérios de exclusão e inclusão, 10 artigos foram escolhidos para compor a discussão. Os textos selecionados podem ser observados no Quadro 1, a seguir:

Título do texto	Autor(es)	Ano de publicação	Nome da revista
Equally bad, unevenly distributed: gender and the 'black box' of student employment	Mia Ruijie Zhong, Rachel Lara Cohen, Kim Allen, Kirsty Finn, Kate Hardy e Cassie Kill	2025	The British Journal of Sociology
Recognising the value of non-professional part-time work in assessing graduate employability: a challenge to employers	Deanna Smith e Tanya Weiler	2024	Industry and Higher Education
The age of insecurity: insecure young workers in insecure jobs facing an insecure future	Agnieszka Rydzik e P. Matthijs Bal	2024	Human Resource Management Journal
'I had to take a casual contract and work one day a week': students' experiences of lengthy university placements as drivers of precarity	Nicole Oke, Lisa Hodge, Heather McIntyre e Shelley Turner	2023	Work, Employment and Society
Not just arms and legs: employer perspectives on student workers	Damian Whittard, Hilary Drew e Felix Ritchie	2022	Journal of Education and Work

Multiple frames of reference: Why international student workers in Australia tolerate underpayment	Stephen Clibborn	2021	Economic and Industrial Democracy
“It was a Meaningless Job”: Exploring Youth Post-Secondary Students’ Employment in the Fast Food Industry	Julia Woodhall-Melnik	2018	Canadian Journal of Family and Youth
Intern Labor in China	Jenny Chan	2017	Journal of History and Social Science
Student work and paying for college: how the jobs crisis affects college affordability	Rachel E. Dwyer	2016	Research in the Sociology of Work
International student-workers in Australia: a new vulnerable workforce	Chris Nylanda, Helen Forbes-Mewetta, Simon Marginsonb, Gaby Ramiac, Erlenawati Sawirb e Sharon Smith	2009	Journal of Education and Work

Quadro 1: Artigos selecionados para a revisão integrativa

Fonte: elaboração própria.

4. Revisão sistemática integrativa

A presente seção tem o intuito de discutir as principais abordagens teóricas e metodológicas utilizadas pelos autores de referência para tratar a temática da precarização do trabalho de estudantes universitários. Além disso, também traz uma síntese sobre os principais objetivos e resultados encontrados com o intuito de verificar se existem convergências e/ou divergências entre os autores.

4.1. Abordagens teóricas e conceituais

No que se refere às abordagens teóricas e conceituais, para a discussão sobre os conceitos de precariedade e trabalho precário os autores se baseiam em algumas teorias e perspectivas, dentre elas, pode-se citar: a pedagogia crítica, em que a discussão sobre a temática se preocupa em ter um compromisso com a educação no sentido de garantia da justiça social. Nesse sentido, para essa perspectiva, um aspecto comum do trabalho precário de jovens estudantes é que o mesmo promove a insegurança dos trabalhadores (Rydzik; Bal, 2024).

Outra perspectiva adotada é a da sociologia do trabalho, em que parte dessa literatura se concentra em duas questões: o trabalho dos estudantes é explorador, visto que possui características de flexibilização trabalhista, o que implica em menos direitos. Ou o trabalho exercido por eles, como exemplo os estágios, melhoram os resultados de empregos futuros e representam uma transição para o mercado de trabalho? (Oke et al., 2022).

Há, ainda, os estudos que se embasaram em algumas teorias específicas para discutir a questão. Por exemplo, a pesquisa de Whittard, Drew e Ritchie (2022) revisitou a teoria de Atkinson para compreender a segmentação do mercado de trabalho de estudantes e não

estudantes. Nesse sentido, o intuito dos autores foi compreender, a partir da teoria mencionada, o engajamento dos alunos no mercado de trabalho de baixa qualificação. Já Clibborn (2021) teve como base a teoria dos quadros de referência duplos de Piore, uma vez que seu interesse de pesquisa era verificar por qual motivo os trabalhadores estudantes migrantes aceitam condições mais precárias de trabalho no país de destino. A explicação, segundo a teoria mencionada, é que esses trabalhadores toleram condições inferiores no país anfitrião porque acabam mantendo um duplo referencial entre o país de origem e o país de destino em que, se o primeiro possui condições de trabalho piores, os trabalhadores consideram que as ocupações precarizadas do país anfitrião não são tão precárias na comparação com o país de origem (Clibborn, 2021).

Ainda sobre as teorias utilizadas pelos estudos, pode-se citar as teorias de gestão de identidade, dentre elas a do trabalho sujo. Tais teorias são utilizadas para descrever ocupações que carecem de prestígio social e que são consideradas fisicamente ou moralmente indesejáveis (Melnik, 2018).

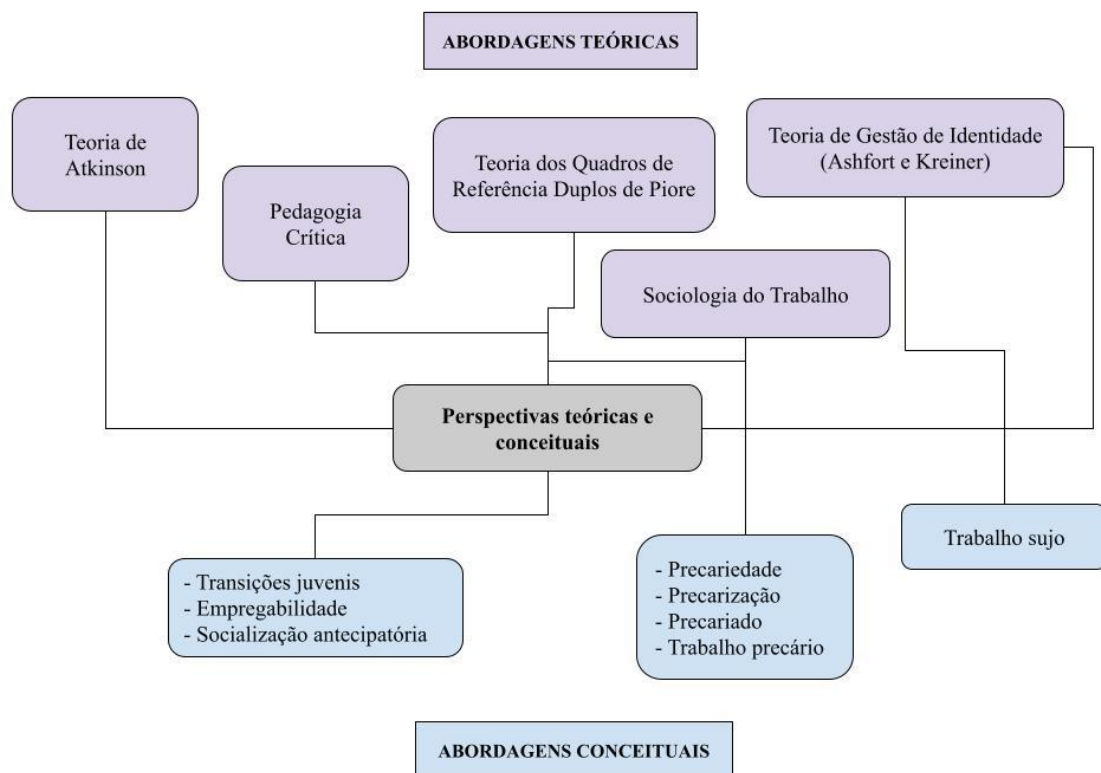


Figura 3: Abordagens teóricas e conceituais da precarização do trabalho de estudantes
Fonte: elaboração própria.

Além das teorias já mencionadas, há também alguns conceitos que são abordados pelos autores e que podem (ou não) estar relacionados às perspectivas teóricas apresentadas. Por exemplo, no que se refere à abordagem da sociologia do trabalho, existem alguns conceitos associados, dentre eles, a precariedade, precarização, trabalho precário e o precariado. Embora haja diferenças entre os conceitos, existe uma similaridade entre eles, que é representada pela característica da insegurança dos trabalhadores. Já sobre o termo precariado, em que um de seus precursores é o Guy Standing (Chan, 2017), há discussões sobre os estágios como uma forma de encaminhar os jovens para trabalhos precarizados.

As abordagens conceituais sobre as transições juvenis, empregabilidade e socialização antecipatória tem o intuito de discutir as modalidades de trabalho em que os jovens estão inseridos e quais são os padrões existentes no que se refere a remuneração, horas de trabalho e salário. Há, ainda, a discussão sobre como trabalho e estudo interagem no processo de formação profissional tanto no presente quanto no futuro (Zhong et al., 2025).

É possível perceber que existem várias perspectivas teóricas para discutir a temática e que a mesma não possui uma abordagem teórica considerada primordial. Ao contrário, a depender da abordagem ontológica e epistemológica do pesquisador, a problemática pode ser abordada sob várias óticas.

4.2. Abordagens metodológicas

Não faz parte do escopo da presente pesquisa discutir com detalhes as abordagens metodológicas dos trabalhos utilizados como referência. No entanto, considerou-se interessante mapear de forma breve algumas das características principais dos mesmos, por exemplo: se o artigo é teórico ou empírico, quais foram os procedimentos de coleta e técnicas de análise de dados mais utilizados e se os autores utilizaram algum *software* para a análise das informações.

Nesse sentido, de forma sintética, no que se refere aos procedimentos metodológicos utilizados pelos pesquisadores, a maior parte dos trabalhos (70%) tem característica empírica e realizou entrevistas semiestruturadas (Rydzik; Bal, 2024; Smith; Weiler, 2023; Oke et al., 2022; Whittard; Drew; Ritchie, 2022; Clibborn, 2021; Melnik, 2018; Nyland et al., 2009). Já a análise dos dados foi realizada utilizando os seguintes métodos: análise temática via codificação manual e estatística descritiva simples (Smith; Weiler, 2023; Oke et al., 2022). Além disso, os autores utilizaram, majoritariamente, o *software NVivo* para codificar e analisar as informações das entrevistas.

4.3. Síntese e proposta de estudos futuros

Dentre as ocupações mais exercidas por esses estudantes, pode-se citar trabalhos de atendentes de bar, trabalhadores de cafeteria, *pubs*, baristas, chefes de cozinha, garçons e garçonetes; assistentes de vendas e operadores de caixa no varejo; serviços pessoais de cuidado, babá; ocupações de atendimento ao cliente, recepcionista; ocupações em esportes e *fitness*; equipes de eventos, serviços de lazer e turismo; ocupações elementares de limpeza; ocupações elementares de armazenamento; ocupações elementares de vendas; ocupações de apoio ao ensino e à educação infantil; ocupações administrativas; trabalhadores postais, agentes de *call center* e serviço de entregas (Zhong et al., 2025; Rydzik; Bal, 2024; Clibborn, 2021). Pode-se

perceber um predomínio das atividades em estabelecimentos de *fast foods*, varejo e na área da hospitalidade.

Dentre as características das ocupações, os estudos sobre a precarização do trabalho dos estudantes trabalhadores mostraram que as mulheres e não brancos têm mais probabilidade de trabalhar enquanto estudam. Além disso, existe uma espécie de penalidade para os trabalhadores que são estudantes na comparação com os não estudantes, uma vez que os primeiros recebem menor remuneração (Zhong et al., 2025). Outro aspecto comum é a flexibilidade trabalhista, caracterizada por contratos zero-hora (contratos em que o empregador não tem a obrigatoriedade de garantir um número mínimo de horas a serem trabalhadas), trabalhos informais e trabalhos com múltiplas funções. A ausência de possibilidade de licença, ausência de benefícios sociais e de proteção sindical, além de incertezas relacionadas à quantidade de horas a serem trabalhadas e sua consequente remuneração também são características dos trabalhos exercidos pelos estudantes (Rydzik; Bal, 2024; Oke et al., 2022; Chan, 2017).

Pelas discussões apresentadas nos trabalhos escolhidos como referência, as principais motivações para o trabalho durante a graduação refere-se à necessidade de obter rendimentos capazes de garantir a permanência no curso, dado que as condições socioeconômicas dos estudantes não permite que eles se dediquem com exclusividade aos estudos. Soma-se à esse aspecto o fato de que o ensino superior brasileiro passou por uma série de políticas que visavam sua expansão e interiorização. Dentre elas, pode-se citar o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e políticas de ações afirmativas representadas pela Lei nº 12.711/2012. Tais políticas, embora tenham contribuído para a democratização do ensino superior, ainda têm enfrentado desafios no que se refere à permanência dos estudantes das camadas populares durante o curso, uma vez que os mesmos possuem algumas particularidades, tais como a necessidade trabalhar e estudar ao mesmo tempo para que possam permanecer na universidade (Trópia; Souza, 2023).

No entanto, tal situação apresenta impactos para esses estudantes, já que o trabalho durante o curso, considerando o agravante da precarização, faz com que eles passem por processos capazes de comprometer seu desempenho no curso e o seu bem estar (Zhong et al., 2025). Além disso, a insegurança pela qual os estudantes trabalhadores são submetidos em decorrência da ausência de previsibilidade dos trabalhos contribui para o aumento nos níveis de estresse e ansiedade (Melnik, 2018). Outro aspecto prejudicial é que o excesso de trabalho pode aumentar as chances de evasão escolar (Dwyer, 2016).

Diante das discussões apresentadas, há a necessidade de mais estudos sobre o tema. Como sugestão de estudos futuros, há a necessidade de se pensar em políticas públicas capazes de minimizar a precarização e a consequente insegurança a que esses estudantes trabalhadores estão submetidos. Há, ainda, a sugestão de estudos capazes de avaliar o impacto que o trabalho durante o curso tem nas relações sociais, com a finalidade de verificar se o trabalho contribui para promover uma rede de relações em mercados de trabalho futuros (Melnik, 2018). Outro aspecto relevante para pesquisas futuras é a investigação sobre o nível de formalização dos estudantes e quais as diferenças de um trabalho com carteira assinada, para um trabalho exercido como pessoa jurídica (PJ) ou como *freelancer*. No que se refere aos aspectos metodológicos, sugere-se a realização de estudos qualitativos que tenham como base técnicas de coleta de dados relacionadas à história de vida, grupo focal, entrevista narrativa, dentre

outras abordagens que possuam um recorte interseccional de trajetórias. Por fim, contextos de crise parecem ser um agravante para o mundo do trabalho de forma generalizada. Nesse sentido, é importante que haja estudos sobre como minimizar os impactos de crises sociais, econômicas e políticas.

5. Considerações finais

A presente pesquisa teve o objetivo de realizar uma revisão sistemática integrativa sobre a precarização do trabalho dos estudantes trabalhadores. Através dos estudos selecionados, pode-se verificar que o trabalho precarizado é uma realidade de grande parte dos estudantes, uma vez que ele representa uma forma de permanecer financeiramente na universidade. Dentre as características mais aparentes, pode-se citar o elevado grau de incerteza sobre a quantidade de horas trabalhadas e sobre a remuneração. Além disso, menciona-se a flexibilização trabalhista, marcada por trabalhos temporários e informais. Nesse sentido, tais trabalhos podem trazer implicações negativas para os estudantes, já que aumentam os níveis de estresse e podem comprometer o desempenho durante o curso. Apesar disso, dado o caráter de necessidade, é importante que as políticas de permanência estudantil sejam aprimoradas para que os estudantes tenham condições de permanecer em seus cursos sem que o trabalho durante a graduação seja realizado em caráter de necessidade.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030004>. Acesso em: 04 set. 2025.

ANTUNES, Ricardo. O Trabalho, Sua Nova Morfologia e a Era Da Precarização Estrutural. **Theomai**, n. 19, 2009, pp. 47-57.

_____. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social & Sociedade**, 2011, (107), 405-419

_____. O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviço na era digital. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Marley Rosana Melo de; MORAIS, Kátia Regina Santos de. Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2017, vol. 20, n. 1, p.1-13. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v20i1p1-13.

BOTELHO, Lilian Lages Rother; CUNHA, Caroline Carvalho de Almeida; MACEDO, Marlucy Alves. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121–136, 2011.

CHAN, Jenny. Intern labor in China. **Rural China: An International Journal of History and Social Science**, Leiden, v. 14, p. 82-100, 2017.

CLIBBORN, Stephen. Multiple frames of reference: Why international student workers in Australia tolerate underpayment. **Economic and Industrial Democracy**, v. 42, n. 2, p. 336–354, 2021.

DIAS, Vanessa Tavares; SILVA, Alessandra Kelly da. Para uma definição conceitual do termo “precarização do trabalho”. In: ALAS. **Reflexiones colectivas desde ALAS: la (re)construcción de lo social en tiempos de pandemias, aportes críticos desde las ciencias sociales latinoamericanas y caribeñas**. Tomo III: Epistemología y Metodología, Medio Ambiente, Trabajo y Tareas Productivas y la Figura del Estado. 1. ed. Bogotá, D.C.: ALAS, 2024. Serie: Reflexiones colectivas desde ALAS. Disponível em: <http://bit.ly/4ftECxr>. Acesso em: 4 ago. 2025.

DWYER, Rachel E. Student work and paying for college: how the jobs crisis affects college affordability. In: GEDENKSCHRIFT to Randy Hodson: working with dignity. **Research in the Sociology of Work**, v. 28, p. 129-153, 2016.

FEIJÓ, Janaina; PERUCHETTI, Paulo. Jovens no mercado de trabalho. Blog do IBRE – FGV. 11 de abril. 2025. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/jovens-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em 31 de ago. 2025.

LEITE, Daniela Ferreira Bastos; PADILHA, Marcelo Alves Santos; CECATTI, José Guilherme. Approaching literature review for academic purposes: The Literature Review Checklist. **Clinics**, São Paulo, v. 74, p. 1-8, 2019.

MARIANO, Ana Maria; SANTOS, Maria Raquel. Revisão da literatura: apresentação de uma abordagem integradora. In: **AEDEM INTERNATIONAL CONFERENCE**, 2017, Reggio di Calabria (Italy). 2017. p. 427-443.

MELGES, Fábio *et al.*, A Nova Precarização do Trabalho: um Mapa Conceitual. **Organizações & Sociedade**, 2022, v. 29, n. 103. DOI 10.1590/1984-92302022v29n0032PT.

MELNIK, Julia. “It was a meaningless job”: exploring youth post-secondary students’ employment in the fast food industry. **Canadian Journal of Family and Youth**, v. 10, n. 1, p. 275-298, 2018.

NYLAND, Chris; FORBES-MEWETT, Helen; MARGINSON, Simon; RAMIA, Gaby; SAWIR, Erlenawati; SMITH, Sharon. International student-workers in Australia: a new vulnerable workforce. **Journal of Education and Work**, v. 22, n. 1, p. 1–14, fev. 2009.

OKE, Nicole; HODGE, Lisa; McINTYRE, Heather; TURNER, Shelley. ‘I had to take a casual contract and work one day a week’: students’ experiences of lengthy university

placements as drivers of precarity. **Work, Employment and Society**, v. 37, n. 6, p. 1664–1680, 2023.

OLIVEIRA, Luiz Paulo Jesus de; MATOS, Daniela Abreu. **Jovens universitários/as e os desafios em conciliar estudo e trabalho**. Ponto de Vista, Nexo Jornal, 17 fev. 2025. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2025/02/17/jovens-universitarios-as-e-os-desafios-em-conciliar-estudo-e-trabalho>. Acesso em: 01 de set. 2025.

PEREIRA, Lucinéia de Souza.; COUTRIM, Rosa Maria. Estudantes trabalhadores de camadas populares em seu desafio cotidiano de conciliar trabalho e estudo. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 23, n. 1, p. e7376, 2021. DOI: 10.18224/educ.v23i1.7376.

REIS, Maria Julia Batista de Oliveira. “Desculpe estar interrompendo o silêncio do conforto de sua viagem”: O trabalho informal de jovens no circuito inferior da ferrovia no Rio de Janeiro. 2022. 83 f. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** - Instituto de Geociências/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. 2022.

RYDZIK, Agnieszka; BAL, P. Matthijs. The age of insecurity: insecure young workers in insecure jobs facing an insecure future. **Human Resource Management Journal**, v. 34, p. 560–577, 2024.

SMITH, Deanna; WEILER, Tanya. Recognising the value of non-professional part-time work in assessing graduate employability: a challenge to employers. **Industry and Higher Education**, v. 38, n. 4, p. 325–335, 2024.

TORRACO, Richard J. Writing integrative literature reviews: using the past and present to explore the future. **Human Resource Development Review**, v. 15, n. 4, p. 404-428, 2016.

TRÓPIA, Patrícia Vieira; SOUZA, Deyse Carolina Corrêa de. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. **Pro-Posições**, v. 34, p. 1-29, 2023.

WHITTARD, Damian; DREW, Hilary; RITCHIE, Felix. Not just arms and legs: employer perspectives on student workers. **Journal of Education and Work**, v. 35, n. 6-7, p. 751-765, 2022.

ZHONG, Mia Ruijie et al. Equally bad, unevenly distributed: gender and the ‘black box’ of student employment. **The British Journal of Sociology**, v. 00, p. 1-13, 2025.